

# A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS...

## O ANTES E O DEPOIS

————— **Antónia Ruivo**

Dando voz ao desafio lançado pela Associação Salgueiro Maia, estas são as minhas lembranças da Revolução dos Cravos... o antes e o depois.

Perguntar a alguém de sessenta e dois anos e nascido no Alentejo, o que foi ou o que significou para ela o Vinte e Cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro, no meu caso, encaro o desafio como uma regressão no tempo, uma viagem prazenteira e ao mesmo tempo nostálgica a um período que se vai tornando longínquo, mas que está sempre presente na memória. É um desafio que me permite regressar à idade das utopias. E com elas, de braço dado, estavam também o medo, a miséria e a proibição.

A censura e a morbidez de um regime totalitário e fascista...

Na época, para uma criança de dez, onze ou doze anos, o Vinte e Cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro poderia ter sido só um dia de algum reboliço ou de alegria, por não ter tido escola; e acredito que para algumas assim foi, mas para a maioria de nós, os da geração de Abril, não foi só mais um dia.

Aquele foi o Dia...

Para mim, também poderia ter sido, só mais um dia, não fosse a consciência de tudo o que pairava ao meu redor, nas conversas lá de casa. Eu costumava escutar atrás das portas, muitas das conversas que os adultos tinham a meia voz, sempre que julgavam que a criança já estava a dormir.

Ou não fosse o medo que eu tinha na altura da Guarda Republicana! Para uma criança como eu, na época, a força militarizada às ordens do regime representava ao mesmo tempo o medo e a ordem. Passei a meninice numa pequena fazenda situada à beira da EN4 e via com frequência os guardas a passar por essa estrada. Iam a pé ou nos dorsos dos cavalos, e muitas vezes, atrás das montadas caminhavam de mãos atadas e presos aos rabos dos animais, homens da cabeça baixa, humilhados na desonra de assim seguir até ao posto da guarda, em Montemor-o-Novo.

Na maioria das vezes, eram presos por rabiscar carvão, azeitona, milho ou bolotas, ou por caçar nas coutadas para matar a fome aos filhos. Outros eram presos porque faziam frente ao regime, lutavam por melhores salários, pelo fim da censura e pelo fim da guerra colonial.

Nos anos setenta, no Alentejo, o meio rural em que cresci, as histórias que se ouviam em surdina eram de arrepiar e as crianças tinham medo. Tinha medo da Guarda Republicana, porque os mais velhos lhes infligiram esse medo através dos relatos que passavam de boca em boca ou porque embora aprendessem o Hino Nacional e o cantassem na escola, não o podiam cantar nas ruas; e os guardas estavam sempre à coca destas pequenas transgressões, não fossem elas uma influência daquilo que as crianças ouviam em casa.

Portanto, eu tinha medo da Guarda Republicana a passar na estrada real, com um preso atrás de si e tinha medo, quando nessa mesma estrada passava mais um funeral... E por ela passaram muitos presos e funerais demais. Os funerais vinham das Fazendas, das Silveiras, de São Géns ou da Rosenta, e muitos eram de soldados mortos na guerra do ultramar. Alguém das redondezas que deixava na terra uma jovem namorada ou esposa viúva, os progenitores e restante família e amigos, e que nunca mais se conseguiram recompor da raiva e do choque sofrido. Talvez também um filho ou dois, que nunca teriam oportunidade de conhecer o pai, e tudo o que tinham dali em diante seria uma velha fotografia amarelada pelo tempo e pelas lágrimas choradas.

Perdi a conta às urnas que vi passar na EN4: urnas de jovens mortos às mãos do regime salazarista, na guerra, sem qualquer sentido. Caixões carregados em ombros pelos homens que ficaram ou pelos que conseguiram voltar, ou transportados até à morada final em carroças puxadas por burros ou machos. E logo atrás seguia um mar de gente, a pé e a chorar em silêncio, porque em Portugal, na época, não havia lugar para revoltas. E até os animais se vestiam de dor naquela hora maldita.

Para uma criança de treze anos, poderia ter sido só um dia de expectativa, não fosse tudo o atrás descrito e muito mais, factos que nos obrigavam a ter consciência, antes do tempo, e que nos roubaram a meninice e nos obrigaram a crescer e a deixar de ser criança. Se a tudo isto juntarmos o facto de muitas crianças, assim que terminavam a escola primária, serem por sua vez obrigadas pela miséria que se passava em casa, a irem trabalhar para ajudar no sustento da família, ficamos com um quadro muito aproximado da realidade daquele tempo.

Era isso e a notícia de mais alguém ter morrido, conhecido ou não, ou a indignação revoltosa que na época engrossava o número dos presos políticos, tudo isto fazia, com que uma criança de treze anos, os anos que eu tinha na altura, possuísse uma visão do país muito pouco comum para alguém com tão pouca idade. E o dia Vinte e Cinco de Abril de 1974 representou para mim o grito de glória da minha gente faminta e sofrida, faminta de liberdade e de autonomia. Representou o fim das trevas em que o país mergulhou durante mais de quarenta anos. Embora essa consciência viesse a desenvolver-se apenas com o passar dos anos.

Foi o dia de erguer o pilar da Democracia. Mesmo que na altura a palavra Democracia ainda não se estudasse dentro da sala de aula, ela estava presente na mente dos oprimidos e era respeitada, como já mencionei, sempre pela calada e longe dos ouvidos dos bufos, que é como quem diz, dos informadores da PIDE, que estavam por todo o lado e não se inibiam de denunciar a sua gente, muitas vezes mesmo sem haver qualquer motivo para a denúncia.

A sede de liberdade e de democracia estava, por isso, inserida no nosso quotidiano sinuosamente. Mesmo que o povo fosse analfabeto, ela estava no teatro, nas cantigas ou nas notícias dos jornais e era confirmada nas cartas e nas fotografias, que os familiares emigrantes nos escreviam com frequência. Nelas percebíamos que em França ou na Alemanha existiam outros modos de vida muito diferentes daquilo que conhecíamos. (Porque o nível de analfabetismo entre os mais velhos era gritante na altura e cabia às crianças a tarefa de ler as cartas que vinham de fora. Quer essas cartas trouxessem nas suas linhas notícias de alegria ou de morte de mais um filho, parido e criado na fome de muitos e atirado para a guerra colonial.)

Ao recordar-me daquela madrugada e de tudo o que se seguiu, imediatamente me povoam a memória imagens do antes e do depois. O jornal Avante, que circulava lá por casa nos tempos em que morei na pequena fazenda, era lido como se estivéssemos todos a praticar um “crime”, como “mendigos” que dormiam quase sempre no palheiro. Nem o som abafado da telefonia ligada a altas horas da noite, eu entendia. Que raio de mania era aquela, a de ouvirem telefonia durante a noite e, depois, ficarem horas seguidas a sussurrar entre dentes, para que as paredes não os ouvissem, se eu, a criança, só queria dormir.

Ao reviver a madrugada de Abril, não posso deixar de me lembrar da fome que os trabalhadores rurais passavam nos meses de inverno, se o inverno

fosse chuvoso. Os ranchos da apanha do carvão, da azeitona e até o pastor do gado, em semanas consecutivas de chuva forte, eram todos obrigados a ficar em casa; e ficando em casa a jorna não caía no bolso. E não caindo a jorna no bolso, a fome pairava no ar. E se o merceeiro por algum motivo deixava de fiar o pão diário, a fome abancava lá por casa, as crianças e os velhos mal nutridos adoeciam e muitos morriam no inverno.

Os invernos no Alentejo eram sempre meses de morte, mas os donos das herdades estavam a salvo. (E entre eles também havia homens de bom coração). Mas a maioria estava se lixando para o trabalhador rural, e o trabalhador rural nos meses de inverno roubava bolotas ou matava um coelho bravo e ia preso... E a mulher e os filhos passavam fome e morriam em silêncio. Sem direito a revoltas... e as crianças tinham um medo de morte da fome, enquanto os jovens varões tinham um medo de morte de morrer na Guerra Colonial.

No Alentejo daquela época os mineiros morriam debaixo da terra, tísicos e mortos de trabalho e mal nutridos, devido às condições de trabalho e aos magros salários; e aos pescadores do litoral alentejano acontecia-lhes o mesmo. Os mais pobres viviam em casebres de telha vã, sem esgotos ou água canalizada, sem luz eléctrica: e era em duas ou três divisões que criavam um rebanho de filhos. (Ainda me recordo de ver crianças descalças na minha sala de aulas da primária, ou calçando umas botas de borracha, quer fosse de verão ou de inverno.) E os mais pobres eram o grosso da população alentejana.

Recordo que era uma manhã de Abril, como o eram na altura quase todas as manhãs de Abril. Um pouco fria e chuvosa, nesse dia fui para a escola, tal como todos os dias mas, quando lá cheguei os portões estavam trancados a cadeado. E, no regresso a casa, (na altura já residia na então Vila de Montemor-o-Novo), começámos a perceber que o comércio e as oficinas fechavam também as suas portas. Os ranchos de homens e mulheres, os que trabalhavam no campo, também estavam de regresso a casa. E no ar havia uma nuvem de mistério e de incerteza...

Quando entrei em casa a minha mãe tinha a telefonia ligada, mas esta estava muda e ela estava com cara de caso... Mandou que ficassemos quietos, eu e os meus irmãos, e informou que passaríamos o resto do dia trancados dentro de casa, porque em Lisboa tinha acontecido um golpe de estado. (Coisa estapafúrdia para uma geração que cresceu a brincar na rua: o ficar trancados em casa e as palavras golpe de estado.) E assim foi até à hora do almoço. Os

homens, esses, reuniam-se aos magotes nos cafés e nas tabernas, onde o alarido era tal, que ninguém se entendia a cada novo comunicado que o MFA emitia e que chegava de Lisboa.

Depois da hora de almoço as mulheres começaram a sair das casas com os filhos e muitas juntaram-se aos homens. Por essa altura a palavra Revolução começava a ser a palavra de ordem. Já não me lembro muito bem, como e nem de onde vieram os cravos que mais tarde começaram a circular de mão em mão. Sei que a euforia era total e quando chegou a noite o povo em Montemor-o-Novo começava a formar piquetes, porque era preciso impedir que os fascistas fugissem para Espanha. Comandados por quem? Não me perguntem porque o movimento foi espontâneo. E lá fomos, noite dentro para vigiar a EN4... Os fascistas não passarão... E assim continuou nos dias que se seguiram.

As primeiras horas a seguir ao golpe de estado foram de incerteza, para quem estava na província. As notícias saíam a conta-gotas e a dúvida persistia. Recordo que a certa altura se começou a ouvir que um jovem Capitão, Salgueiro Maia, tinha cercado o Terreiro do Paço, e que durante a madrugada os soldados também tinham saído de Vendas Novas e tinham seguido em direcção a Lisboa. Foi quando em Montemor-o-Novo a esperança se ergueu imediatamente, mas o medo ainda se mantinha presente. Um dos filhos de uma vizinha estava a cumprir o serviço militar em Vendas Novas e lembro-me que a coitada chorou um dia inteiro, porque temia que lhe acontecesse algo de ruim. E uma das imagens que também nunca esquecerei foi, quando a emissão televisiva retornou e mostrou numa reportagem com os militares a exibirem cravos nos canos das espingardas... A Revolução dos Cravos. E o povo de cravos em punho em cima das chaimites. (Só quem viveu esses dias pode entender o valor que eles tiveram e o que significaram para a maioria de nós).

Quando chegou a notícia, que a sede da PIDE, em Lisboa, também estava cercada pelos militares a expectativa manteve-se. E também se comentava que em Lisboa o povo começava a sair à rua aos milhares para se juntar ao MFA, e que o que havia começado como um golpe de estado depressa se transformou numa Revolução, a Revolução dos Cravos, que o mesmo será dizer: a Revolução dos Oprimidos. E a expectativa mantinha-se... e bem perto do anoitecer surgiu outro comunicado do MFA, desta vez bastante animador, Marcello Caetano acabava de se render e entregava o poder ao general António de Spínola. O espanto pairava nos rostos cheios de esperança, porque

ninguém sabia quem era este general; mas isso também não importava para nada, se estava com o povo era do povo também.

Nos dias que se seguiram, a consciência da nossa novíssima Liberdade começava a tomar posição por todo o Alentejo. Os soldados vieram até Montemor e foram recebidos como heróis do povo, enquanto o povo gritava MFA! MFA!... e recordo perfeitamente, que o nome de Salgueiro Maia e, no caso específico do Alentejo, também o nome de um tenente circulavam de boca em boca, como se eles pertencessem um pouco a todos nós...

Andrade e Silva (assim nomeado, embora, seja Andrade da Silva), o jovem tenente de Vendas Novas, que nessa madrugada, integrado numa força militar, rumou, sem medo, com os seus camaradas da Escola Prática de Artilharia, de Vendas Novas, para o Cristo-Rei, Almada, com o intuito de apoiar o Capitão Salgueiro Maia no acto heróico de resgatar o país das trevas em que estava mergulhado... A partir daquele dia nasceu um novo país, a Liberdade tomou conta do povo, os soldados regressaram aos quartéis e os governos provisórios sucederam-se até às primeiras eleições livres, em 1976.

Muitas foram as peripécias que aconteceram, mas o povo manteve-se firme na sua luta e a democracia venceu em todas as frentes.

E são estas as memórias de uma criança de treze anos que se fez mulher antes do tempo... Aos treze anos estava filiada no PCP e aos catorze era membro fundador da Cooperativa Agrícola Montemorense, onde trabalhei durante quase seis anos e participei na luta ativa pela democracia e pela liberdade em que acreditava. Assisti e vivi na primeira pessoa ao surgimento do sonho, "A Terra a Quem a Trabalha". Vi cair por terra esse sonho e nessa luta, em terras do Escoural, Casquinha e Caravela, dois trabalhadores rurais que conheci muito bem, foram mortos por defenderem aquilo em que acreditavam, "A TERRA A QUEM A TRABALHA"...

Sonho que caía por terra enquanto eu fugia nas ruas de Évora à frente dos canhões de água cheia de areia, lançados sobre os trabalhadores agrícolas, ou sonho que se ergueu graças ao Vinte e Cinco de Abril de 1974 e ao Movimento dos Capitães de Abril, ou quando rumei em cima de tractores, de verão ou de inverno, com os meus camaradas, a muitas herdades ocupadas, e que depois, esse mesmo sonho foi morrendo pouco a pouco. Naquela altura e, mais uma vez, na hora de devolver a terra aos seus donos, fugi e em campo aberto tive um medo de morte da GNR... E hoje questiono... poderia ter sido diferente...

poderia! Mas a um povo a que se abrem as portas de rompante, nem sempre as coisas são lineares...

A Democracia foi ganhando asas e sempre acreditei nela e sempre serei grata aos Capitães de Abril... Hoje, sem partido político há mais de vinte anos e sem medo de qualquer força militarizada, pergunto muitas vezes a mim mesma, o que foi que deixámos que fizessem com os nossos sonhos, ou com os sonhos das crianças, que em Abril de 1974 tinham treze anos, mas já tinham a consciência e o peso que a velhice nos costuma trazer... ou como é que o povo pôde permitir que um regime fascista nos roubasse os sonhos por tantas décadas e como é que hoje, esse mesmo povo não se apercebe do real perigo que enfrenta, quando os esqueletos já saíram do túmulo e circulam por cá, como se nunca tivessem sido extintos... ou com é que hoje, haja quem duvide que as coisas aconteceram tal e qual como os que nada temem as teimam em retratar, para que não caiam no esquecimento.